

EDUCANDO NA PERSPECTIVA DA MODERNIDADE LÍQUIDA

Débora Alana Flach¹

Deise Stein²

Resumo

O processo de globalização adquire parâmetros cada vez mais amplos e acelerados, na qual passa despercebida diante dos passos apressados da população. Sendo assim, torna-se essencial discutir sobre os impactos que determinada globalização possam refletir perante o tocante educacional, bem como toda a condição humana. Para tanto, a partir de pesquisa bibliográfica, busca-se compreender determinada condição na qual a sociedade se encontra, como atingimos esse patamar, quais as fases superadas e reflexos que derivam dessas circunstâncias. Ademais, discute-se ainda sobre as relações e condicionamentos humanos diante dos tempos líquidos, bem o novo sujeito liquefeito que transita nas imediações modernas. Portanto, através desse trabalho, pretende-se despertar a importância de repensar a educação na perspectiva da modernidade líquida, tendo em vista que a estabilidade é inexistente no cenário social e por isso deve-se manter a postura flexível. A metamorfose da vida social é complexa e indecifrável, para tanto, torna-se imprescindível dedicar-se a compreendê-la, almejando a constante revolução e transformação.

Palavras-chave: Bauman; Liquidez; Condição Humana; Modernidade.

Abstract

The process of globalization acquires increasingly broad and accelerated parameters, in which it passes unnoticed in front of the hurried steps of the population. Therefore, it is essential to discuss the impacts that certain globalization can reflect before the educational, as well as the whole human condition. In order to do so, based on bibliographical research, it is sought to understand a certain condition in which society is, as we reach this level, which phases are overcome and reflexes that derive from these circumstances. In addition, it is also discussed about the human relations and conditioning before the liquid times, as well as the new liquefied subject that transits in the modern surroundings. Therefore, through this work, it is intended to reawaken the importance of rethinking education in the perspective of net modernity, considering that stability is non-existent in the social scene and therefore one should maintain a flexible stance. The metamorphosis of social life is complex and indecipherable. Therefore, it is essential to dedicate oneself to understanding it, aiming at constant revolution and transformation.

Keywords: Bauman; Liquidity; Human Condition; Modernity.

Introdução

Considerando o caráter essencialmente moderno e globalizado que a sociedade atual emprega, enquanto pedagoga em formação e prestes a ingressar no mercado de trabalho, há motivos para pesquisar sobre os efeitos que determinado quadro/cenário possa causar a esfera educacional e seus constituintes.

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em Pedagogia da Uceff Itapiranga. E-mail: debora_flach@hotmail.com;

² Professora do Curso de Graduação em Pedagogia da Uceff Itapiranga. E-mail: deise.stein@seifai.edu.br.

Dessa forma, tendo como referência primordial o sociólogo polonês Zygmunt Bauman e seu conceito desenvolvido: “Modernidade líquida”³, objetiva-se ampliar o *lôcus* refletivo crítico sobre qual o verdadeiro papel da educação frente essa ‘nova’ perspectiva social, englobando todo corpo docente, tendo como base a postura comportamental, intelectual e social dos mesmos frente tais mudanças, sempre visando melhorias ao público discente, alvo de toda essa ‘revolução pós-moderna’.

Perante tais reflexões, é indiscutível que as instituições escolares estão diretamente alicerçadas a todo esse ciclo que engloba a constante mutação social. Contudo, atualmente, pouco se discute sobre como o setor educacional, essencial na formação humanística, tem reagido, protelado e se autoestruturado perante essa nova instância que vive a sociedade.

Assim, vai criando forma um novo desafio: Verificar a essência funcional que resta para a escola, considerando esse aglomerado de momentos, palavras, pensamentos que escorrem pelas nossas mãos todos os dias... frente essa tal de modernidade líquida. Nessa perspectiva, objetiva-se através de pesquisa científica, trazer contribuições a diferentes áreas sociais, afim de amadurecer e recriar o olhar para o verdadeiro papel da escola, bem como a função do pedagogo perante essa fase pós-moderna.

Acredita-se que a educação necessita de constantes renovações que contenham certificações: de onde está, para onde vai e como pretende chegar. Objetivos tornam-se fundamentais em qualquer caminhada de sucesso, para isso, caminhar em harmonia com os demais elementos de jornada também é essencial para manter-se atualizada e mais resistente. Isso, simplesmente, porque nosso público central se refere ao futuro da humanidade.

Sendo assim, a organização do referido artigo estrutura-se da seguinte maneira: em primeira instância busca-se explicar a transição que compreende os períodos da solidez à liquidez, suas caracterizações, motivações e principais marcos, bem como a designação que comporta a atualidade. Dando continuidade, aborda-se um viés explicativo conceituando o termo “Modernidade Líquida” e seus distintos reflexos nas diversas áreas do âmbito social.

Posteriormente, enfatiza-se sobre as possíveis ligações advindas entre liquidez e a educação, verificando as diversas concepções relacionadas, seus feitos e transformações no âmbito educacional. Em seguida, ainda se discute sobre o condicionamento humano, os laços

² Em conceituação simples, modernidade líquida refere-se ao tempo presente na qual as distintas relações (econômicas, sociais, afetivas) possuem caráter fluído, inconstante e efêmero. Nada dura tempo o suficiente para criar forma sólida. Tudo é líquido, passageiro.

e relações desenvolvidas nesta nova perspectiva moderna que assume uma característica essencialmente liquefeita.

Da solidez a liquidez: afinal, que momentos são estes?

É indiscutível que a sociedade está em constante transmutação, considerando o fato de que somos seres evolutivos, gerações distintas e culturas/valores flexíveis. Refere-se a um ciclo ininterrupto, impossível de manter-se estagnado, tendo em vista que a esfera social cria forma a partir da ação do homem. Assim, a condição humana e todos os aspectos sociais relacionados, sofre constantes modificações conforme a demanda atual.

Nesta perspectiva, Bauman (2001) defende que a sociedade viveu uma complexa transição do que ele chamou de uma “modernidade sólida” para a “modernidade líquida”. Em suas diferentes formas, o autor revela um olhar analítico para distintas instâncias da historicidade social, que englobou amargas modificações nos últimos séculos e atualmente reflete sob inúmeros aspectos o condicionamento humano.

Sob um cunho mais aprofundado, compreende-se que esse processo de liquefação se iniciou pela era da solidez. Localizando-se no tempo, a “modernidade sólida” na qual o autor se refere, esteve presente nos primórdios da revolução industrial, caracterizando-se pela sua perspectiva duradoura, constante e tradicional em distintas áreas e relações sociais, englobando desde laços familiares, comunidades, religiosidade e política (BAUMAN, 2001). Sobre isso o autor (2001, p.8) descreve ainda que “Os fluidos não fixam o espaço nem preenchem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante)”.

Sendo assim, o autor refere-se a solidez na modernidade, pois ainda prevalece a durabilidade das relações entre sujeito e instituições sociais. Como exemplar característico podemos referenciar o ato trabalhista, na qual os trabalhadores e o capital mantinham-se unidos sob qualquer custo, perante um alicerce “conjugal” inseparável. Coincidia uma dependência de ambos os lados.

De acordo com o exposto, Bauman (2001) complementa que havia uma ‘mutualidade de dependências’ (p.182) entre trabalho e empregador, uma vez que, um dependia do outro para sustentar suas necessidades específicas: o trabalhador precisava de remuneração para sobreviver, e o capital dependia de empregá-los para sua ininterrupta evolução.

Ademais, nesse período destacam-se ainda as clássicas transformações geradas pelo próprio capitalismo, derivado da revolução industrial. A produção do artesão nas oficinas e os trabalhadores do campo passam por uma influência industrial, na qual homens e mulheres acabam por habitar as cidades, trabalhar em fábricas e conseqüentemente gerar novas relações sociais (CAFAZ, 2016).

Assim:

O que antes se baseava no processo de aprendizagem por imitação ou tradição passada de pais para filhos, agora se estabelecia de forma especializada e formal nas escolas técnicas em razão do progressivo aumento da complexidade das tarefas laborais relativas às indústrias e suas máquinas (RODRIGUES, 2017, p.1).

Em outras palavras, compreende-se que, apesar de referir-se a um período “modernizado”, ele não perde sua essência “sólida”. Assim, com base no exemplo citado, é perceptível que, independentemente dos moldes tradicionais serem *desconstruídos*, estes também foram *reconstruídos* com base em outros princípios que dizem respeito ao período moderno, mas sem perder sua forma ‘sólida’ e função principal de ordenação social.

Assim, as lutas sociais da referida época eram conhecidas pelas distintas classes: burguesia, proletariado, seus anseios e perspectivas históricas. Em consonância, as relações sociais mantinham-se sob postura fixa e duradoura. O estado posicionava-se como órgão regulamentar no que tangia ao sujeito, as identidades ainda mantinham um nível equilibrado de homogeneidade, o trabalho tinha um grau de fixidez maior e as famílias possuíam um entendimento clássico do papel de cada integrante. (CAFAZ, 2016).

Em dissonância, esse cenário começou a sofrer alterações no período do Renascimento⁴, quando os paradigmas construídos no período pré-moderno aos poucos foram se dissolvendo e oferecendo espaço as novas formas de manutenção do mundo social. Nas palavras de Bauman (2001), é a instância em que se refere ao “derretimento dos sólidos”, isto é, “dissolver o que quer que persistisse no tempo e fosse infenso à sua passagem ou imune ao seu fluxo” (p. 9-10). Referia-se a dissolução das tradições, das barreiras que ainda impediam/estagnavam a processo constante da liquefação.

Neste viés, tratava-se de uma revolução intelectual dos homens, a desconstrução de parâmetros sociais considerados ultrapassados, bem como o literal “derretimento” de “toda estrutura social montada em torno da relativa fixidez moderna”. (RODRIGUES, 2017, p.1).

⁴ “O Renascimento foi um importante movimento de ordem artística, cultural e científica que se deflagrou na passagem da Idade Média para a Moderna” (SOUZA, 2017, p.01).

No entanto, é importante salientar que esse processo não seria desenvolvido para extinguir totalmente os sólidos, mas sim para renovar a área, tendo como objetivo central oferecer espaço ao aperfeiçoamento incessante e inalterável dos novos sólidos.

Conhecendo a modernidade líquida

A corrente sanguínea da sociedade nunca fluiu tão liquidamente quanto as vísceras da atualidade. Líquido ou liquidez conforme o dicionário, conceitua-se como: “o que flui ou corre, tendendo sempre a nivelar-se e a tomar a forma do vaso que a contém” (MICHAELIS, 2008, p. 535). Sob esta ótica, pode-se considerar que estamos na Era em que o vaso nunca atinge sua borda ou nível máximo: a Era da modernidade líquida.

Tal metáfora torna-se coerente afim de representar o momento histórico na qual transita nossa sociedade atual, considerando a instância pós-moderna. O termo “Liquidez” apresentado pelo sociólogo Zygmunt Bauman em suas distintas obras, vem ao encontro da fragilidade existencial de nossos tempos. De outro modo, o autor defende que tudo é momentâneo, inconstante, incerto, efêmero e frágil, englobando distintos segmentos sociais. “Em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo” (BAUMAN, 2001, p.8).

Nesta perspectiva, compreende-se que estamos vivendo um período de difusão, entre o que um dia já foi sólido e hoje torna-se meramente líquido. Em que as coisas, momentos, pessoas, relações, escorrem pelas nossas mãos, simplesmente por que não duram tempo o suficiente afim de desenvolver a solidez necessária. São tempos de superfície, carentes de profundidade e em constante medo de mergulhar.

Assim, Siqueira (2013) em complementação sobre o referido conceito, observa que a modernidade líquida se refere a uma época que diz respeito a todos os sinônimos que englobam liquidez, tal como: volatilidade, incerteza, insegurança, instabilidade, inconstância. Ou seja, é em determinado tempo sociológico que “toda a fixidez e todos os referenciais morais da época anterior, denominada pelo autor como modernidade sólida, são retiradas de palco para dar espaço à lógica do agora, do consumo, do gozo e da artificialidade” (SIQUEIRA, 2013, p. 01).

Sendo assim, é perceptível que através de uma lacuna exposta durante o período do “derretimento dos sólidos”, a pós-modernidade ganhou forma pelo seu perfil individualista, despolitizado e supérfluo. Então, “a modernidade líquida, nos dirá Bauman, é o momento em

que os referenciais que possibilitavam o desenraizamento e enraizamento do velho no novo são liquefeitos e, assim, perdidos” (SIQUEIRA, 2013, p.1).

Em consequência, todo o ciclo social acabou sem qualquer referencial, moldando e flexibilizando sua presença e condição social sob uma jornada solitária, na qual “cada um caminha por si só” em passos inseguros para um futuro incerto. Sobre esses preceitos Siqueira (2013) discorre que, quando não existem mais referenciais na vida das pessoas, tal como: religião, família, nacionalidade e ideologia política, a projeção de vida torna-se individualizada. Dessa forma, o viés humanístico adquiriu uma forma comercializada de ver e sentir as relações sociais, em outras palavras, até a própria identidade virou mercadoria.

Em suma, aos poucos tudo foi sendo direcionado sob um viés mais autônomo e independente perante o papel funcional do ser humano. O mesmo fez de sua soberba liberdade fruto de angustias e incertezas, simplesmente por que não haviam mais referenciais plausíveis que os acompanhassem, como em toda sua historicidade cultural de formação humanística.

Assim,

Na modernidade líquida os indivíduos não possuem mais padrões de referência, nem códigos sociais e culturais que lhes possibilitassem, ao mesmo tempo, construir sua vida e se inserir dentro das condições de classe e cidadão. Chega-se no entender de Bauman a era da comparabilidade universal, onde os indivíduos não possuem mais lugares pré-estabelecidos no mundo onde poderiam se situar, mas devem lutar livremente por sua própria conta e risco para se inserir numa sociedade cada vez mais seletiva econômica e socialmente (FRAGOSO, 2013, p.111).

Neste invólucro, o homem da modernidade líquida vislumbrou-se em um estágio crítico e confuso no que dizia respeito ao seu posicionamento enquanto ser social, uma vez que, as suas próprias singularidades/particularidades culturais e psicológicas derivam do intrínseco de cada sujeito, através do exercício de autoconhecimento, e não mais de instituições e princípios universais. (BAUMAN, 2001).

Procedimentos metodológicos da pesquisa

Para o desenvolvimento deste artigo que tem como tema central de reflexão o conceito de liquidez por Bauman e seus reflexos na educação, foi realizada a análise com base no procedimento bibliográfico sobre: solidez, modernidade, liquidez, educação e fragilidade das relações, a partir das contribuições principalmente de Freire (1979), Adorno (1995), Hall (2005), Nóvoa (1999) e principalmente Bauman (1998, 2001, 2004, 2007, 2009, 2011). Esse

aporte teórico-crítico serve de referência para o *corpus* do trabalho. A seleção destes teóricos está relacionada a ênfase que os mesmos dão a problematização proposta.

Salienta-se que se trata de uma pesquisa teórica, de objetivo explicativo buscando identificar que a liquidez determina aspectos relacionados à escola e à educação. Ademais, a análise de abordagem qualitativa está articulada a conceitos teóricos e perspectivas críticas arroladas através da pesquisa de cunho bibliográfico. Com base nessa pesquisa bibliográfica desenvolve-se uma análise sobre a liquidez e os reflexos da mesma na educação. Essa análise está fundamentada nos pressupostos sociológicos e pedagógicos sobre o tema.

Liquidez e educação: possíveis entrelaçamentos

Essencialmente, acredita-se que todo o entorno social possui ligação equivalente com a amplitude educacional. Por analogia, conforme o condicionamento humano sofre alterações e molda-se perante a perspectiva social e incremento cultural, a educação necessita caminhar em harmonia. Dessa maneira, Oliven, já no ano de 1972 (p. 27), enfatizava: “a educação, por ser um processo que ocorre no tempo e espaço, é influenciada por fatores que variam com a época e com o meio ambiente”.

Sendo assim, com base na compreensão anteriormente exposta, ao que se refere a modernidade líquida abordada por Bauman, pode-se refletir sobre qual a verdadeira função da educação perante esse cenário, enquanto ferramenta emancipadora de todo público juvenil. Logo, busca-se pensar quais as influências negativas que a mesma sofre frente a esse quadro de “metamorfose social”? Nessa linha de pensamento, Wulf (2005, s.p.) já questionava:

Quais seriam as tarefas da educação hoje, quando as imagens utópicas de novo porvires esfumam-se aterrorizadoras nas contínuas disparadas de mísseis mecânicos, balísticos e mesmo humanos? Que esperanças podem ser geradas em debates educacionais para o crescente e veloz desencadeamento do homem e do mundo, para um mundo sem utopias, para uma geração sem ideais pelos quais lutar e viver?

Essa é uma questão polêmica, porém, pouco discutida em nosso âmbito atual, inclusive, pelo próprio Zygmunt Bauman. Contudo, deve-se considerar, que a esfera educacional não pode fugir ou desviar dos preceitos sociais. Isso só irá trazer resultados drásticos, afetando a sua configuração, bem como sua própria função social. Sob este ponto de vista, já afirmava Adorno (1995, p.11): “Quanto mais a educação procura se fechar ao seu condicionamento social, tanto mais ela se converte em mera presa da situação social existente”.

Considerando a referida afirmativa, ressalta-se em primeira instância a atuação do professor perante tais mudanças sociais. Em suma, entende-se que o educador enfrenta circunstâncias cruciais que afetam amplamente o trabalho docente, e vão em dissonância com os títulos primordiais pregados pelos princípios pedagógicos. É como se o corpo docente estivesse perdido em meio à confusão de: objetivos, funções, motivações, intensões, práticas, entre outros. Tem-se a impressão que a humanidade vive em uma época incoerente.

Neste viés, Nóvoa (1999) exemplifica a condição dos professores diante da constante modificação social fazendo um comparativo com um grupo teatral: que realiza um planejamento, preparando-se com vestimentas e falas para determinada época/ocasião, e no momento da apresentação/aplicação, se depara com um cenário totalmente distorcido/incoerente e modificado em relação ao que haviam se programado. Diante disso, todos se vêm confusos e sem saber como agir perante a situação exposta.

No entanto, considerando essas constantes mutações relâmpago (troca de cenário), sem qualquer aviso prévio, o autor insiste que o professor se posiciona como o ‘ator principal’ que deve agir em consonância e flexibilização perante esse quadro. Nas palavras do autor:

O problema reside em que, independentemente de quem provocou a mudança, são os atores que dão a cara. São eles, portanto, quem terá de encontrar uma saída airosa, ainda que não sejam os responsáveis. As reações perante esta situação seriam muito variadas; mas, em qualquer caso, a palavra *mal-estar* poderia resumir os sentimentos desse grupo de atores perante uma série de circunstâncias imprevistas que os abrigam a fazer um papel ridículo. (NÓVOA, 1999, p. 97).

Neste invólucro se desdobra o ser professorado⁵ na atualidade. O corpo docente já não reconhece mais a postura correta para adotar em sala de aula. Sua vivência e formação pedagógica está em descompasso com o cenário educacional atual. São os percalços de uma pedagogia que está sendo reeditada e emoldurada conforme o atual “teatro” social.

Nesta perspectiva, é sabido que, assim como o papel do educador, toda corrente sócio histórico pedagógico foi construída com base em resquícios sólidos, na qual os pilares da aprendizagem e da pedagogia foram criados na medida de um mundo duradouro, na qual esperava-se que esse poderia somente avançar no processo de solidificação, ou ao menos manter-se estagnado, porém não regredir.

Contudo, inevitavelmente na atualidade a “dissolução” das coisas afeta todo o parâmetro social, conforme defende Bauman (2009), a ordem capitalista prega uma lei

⁵ Exercer a atividade docente. Ser professor.

universal de imediatismo, onde pessoas e coisas são necessárias somente enquanto geram utilidade ou vínculo benéfico para o presente momento. Em contradição, substitui-se e decorre a renovação instantânea dos pares. Sendo assim, por que o conhecimento, a bagagem intelectual, seria distinta/excluída dessa lei geral que prega a modernidade líquida? Pois bem, este é um dos mais intensos obstáculos que enfrenta a pedagogia: “Oferecer um tipo de conhecimento pronto para utilização imediata e, sucessivamente, para sua imediata eliminação, como aquele oferecido pelos programas de software” (BAUMAN, 2009, p. 663).

Outrem, Bauman ainda assinala que a escola precisa servir como escudo diante das tentações sociais que afetam alguns aspectos do desenvolvimento intelectual de nossos educandos. Em outras palavras, com os incontáveis adereços e tecnologias a favor da soberba informacional, o autor já pontuava: “somos inundados de informação e, ao mesmo tempo, famintos de sabedoria” (WINSTON, 1965 *apud* BAUMAN, 2016). Para tanto, Bauman destaca que nosso papel enquanto educadores, é desenvolver duas habilidades fundamentais nos alunos, para reciclar e aprender a escolher da melhor forma o conteúdo na qual devem assimilar: o poder de síntese e atenção (PORCHEDDU, 2009 *apud* BAUMAN, 2009).

De acordo com esse pensamento, torna-se fundamental frisar ainda a importância da adequação/flexibilização conteudista e informacional. É preciso acompanhar o ritmo do entorno e atualizar as informações com base na instância social. Manter o ciclo de conhecimento revitalizado vai ao encontro da pós-modernidade, uma vez que, a cada novo episódio social o acabamento informacional modifica-se. Para tanto, a educação necessita manter um princípio seletivo no que diz respeito a sua esfera de conhecimento.

Com efeito, Bauman (2009) ressalta que as informações possuem um poder valorativo muito passageiro, para isso é necessário desenvolver um olhar crítico para com o conhecimento que absorvemos e mediamos em nosso dia a dia. O que eu aprendo hoje, pode não ter o mesmo significado (importância) amanhã. Assim, “a demonstração do sucesso está em não deixar escapar o momento em que o conhecimento adquirido não é mais útil e deve ser eliminado, esquecido e substituído” (BAUMAN, 2009, p. 662).

Simultaneamente, entende-se o quão importante é redefinir nosso papel enquanto professores perante a situação atual. Como já vimos anteriormente, é impossível desviar do contorno social, para tanto, torna-se imprescindível se adequar afim de colaborar com as defasagens e problemáticas sociais. Sob este ponto de vista, Nóvoa (1999, p. 96) corrobora com esse pensamento:

As atitudes dos professores e da sociedade são fundamentais para realizar reformas que se projetam. Na atitude de professores perante as reformas e no apoio da sociedade está a chave para levar o bom termo. Sem o seu incondicional apoio não passarão do terreno das disposições legais ao terreno da realidade: o trabalho cotidiano nas salas de aula.

Em consonância, o autor do conceito de Modernidade Líquida (BAUMAN, 2001), discorre que a educação vive uma intensa complexidade no que diz respeito a sua função, métodos e conteúdos a serem mediados em sala de aula. Os tempos mudaram, sua estruturação tradicionalista já não ganha mais espaço em meio a pós-modernidade, e juntamente com a característica fluidez de relações e momentos, aos poucos o conhecimento também ganha forma líquida.

Neste viés, a presente contextualização também necessita de uma ressignificação escolar, afim de manter um equilíbrio sadio e propício com a situação emergente. No entanto, a educação ainda resiste as ascendências ríspidas e previamente definidas. Sobre isso, Bauman (2009) argumenta que o sistema educacional, considerando a pregação da memorização, vai em desencontro com a característica ‘fluidez informacional’ da atualidade. Assim como a moda, o conhecimento também é passageiro, torna-se ultrapassado. Armazenar informações excessivamente, buscando memoriza-las de forma mecânica e supérflua, é visto como uma verdadeira perda de tempo. Assim, “os centros de ensino e aprendizagem estão submetidos à pressão ‘desinstitucionalizante’ e são continuamente persuadidos a renunciar à sua lealdade aos ‘princípios do conhecimento’” (BAUMAN, 2009, p. 669 -670).

Neste invólucro, entende-se que a flexibilidade e adaptação também são elementos essenciais a toda esfera educacional. Contudo, releva-se a importância de uma aprendizagem íntegra e contínua, que apesar de suas mutações sociais ao longo do caminho, permaneçam válidas e insubstituíveis ao longo de toda jornada existencial. Assim, indubitavelmente o ser humano é reflexo do quadro social inconstante, mas herdeiro de valores constantes. Para tanto, Bauman (2009, p.673-674) reforça,

A educação e a aprendizagem no ambiente líquido-moderno, para ser úteis, devem ser contínuas e durar toda a vida. Nenhum outro tipo de educação e/ou aprendizagem é concebível; a “formação” do próprio eu, ou da personalidade, é impensável de qualquer outro modo que não seja aquele contínuo e perpetuamente incompleto.

Sob outro ângulo, revela-se também a importância de desenvolver o “ser cidadão” no âmbito educacional. A presença física e contribuição intelectual, não se fazem mais presentes

com ênfase na ideia do todo social. O sujeito está buscando lacunas afim de desviar de seu compromisso na construção e evolução do espaço público/comunitário/social. Em consequência, a perspectiva educacional posiciona-se como ferramenta provocadora afim de desenvolver o espírito coletivo e de liderança. De acordo com Bauman (2009, p. 670), esse desafio é reconhecido e proposto para o presente invólucro educacional:

[...] um dos desafios decisivos da educação permanente para a ‘outorga de poderes’ está ligado à reconstrução do espaço público hoje cada vez mais desabitado, onde homens e mulheres possam empenhar-se em uma realização contínua dos interesses, dos direitos e dos deveres individuais e comunitários, privados e públicos.

Por conseguinte, a essa “instigação” da participação social, a ferramenta pedagógica contribui para o desenvolvimento de valores que tornam-se fundamentais para viver em sociedade e encontram-se em grande escassez atualmente. O poder do raciocínio crítico e habilidade de questionar os atos governamentais, está em dissonância ao que a política maçante e alienante pretende. Sendo assim, a educação revolucionária também representa uma grande arma contra a ignorância de nossa civilização.

Em conformidade, Bauman (2009, p.182) já pontuava em relação à educação e juventude: “É preciso uma educação permanente para dar a nós mesmos a possibilidade de escolher. Mas temos ainda mais necessidade de salvar as condições que tornam as escolhas possíveis e ao nosso alcance”. Ou seja, o conhecimento é a arma mais eficaz contra a ignorância dos cidadãos, considerando os distintos setores sociais que permeiam a vida do cidadão, tal como: política, religião, cultura e as relações com o próximo.

Os laços humanos na perspectiva “líquida”

A fragilidade dos laços humanos é consequência das distintas relações sociais que se desenrolam na pós-modernidade. Assim como a educação, que já vimos anteriormente, as relações interpessoais também estão assumindo as formas da modernidade líquida, se deteriorando em consonância com o momento atual em que se vive. Sem nos darmos conta, o amor, o carinho, a afetividade e todo e qualquer sentimento que engloba nosso relacionamento com o outro, tomam uma forma escassa, sem estruturação e líquida, resumindo-se em meras ligações fluidas e passageiras.

É perceptível que as circunstâncias que englobam a esfera social vão de encontro a essa “rasa” perspectiva relacional entre as pessoas. Seria incoerente se os laços humanos teriam resquícios de profundidade e solidez, sendo que todas as ocasiões que embasam a vida

contemporânea se fundamentam na liquidez e instantaneidade. Os critérios avaliativos para selecionar os “produtos” da vida não se distinguem muito um do outro.

Nesse sentindo, Bauman (2001, p. 205) enfatiza:

O laço humano, como todos os outros objetos de consumo, não é alguma coisa a ser trabalhada com grande esforço e sacrifício ocasional, mas algo de que se espera satisfação imediata, instantânea, no momento da compra – e algo que se rejeita se não satisfazer, a ser usada apenas enquanto continua a satisfazer (e nem um minuto além disso).

Dessa forma, tem-se a correlação com as distintas demandas do mundo moderno. A humanidade está sem tempo, sem disposição e sem contextualização para criar relações duradouras. A nossa condição exige a “seleção” de produtos que não causem grande efeitos prejudiciais. Sendo assim, as relações, assim como os produtos, obtêm um “período de teste”: se o consumidor não estiver satisfeito, troca de produto (BAUMAN, 2001). Diante disto, tem-se uma explicação para os altos índices de divórcios dos últimos anos.

A durabilidade é um conceito que não está mais presente no dicionário da modernidade líquida. Sobre isso, Bauman (2009) converge quando ressalta que a resistência das ações e relações, vem sendo interpretadas como ameaça de deterioração e/ou atraso para evolução na vida pessoal. A ideia de assumir algum compromisso para o resto da vida virou sinônimo de ‘cárcere’. O sentido valorativo das coisas e pessoas assume um aspecto fugaz e passageiro, sem constância e propriedade. Corajosos são aqueles que se ‘amarram’ em tempos de constantes libertações.

Neste viés, compreende-se que assumir um relacionamento sério e instável na atualidade, decorre como uma forma de ameaça a tão requisitada liberdade amorosa. Isso acaba por nos tornar mais vulneráveis, insensíveis e inseguros para com a vida. A linha tênue entre entregar-se e desapegar, sempre acaba cedendo de um lado e ferindo os sentimentos alheios. Em outras palavras, é perceptível que cada vez mais, os sentimentos são trancados as sete chaves, a reciprocidade tornou-se lenda, e os relacionamentos casuais viraram moda.

Em consonância com essa afirmação Bauman (2004) ressalta que existe a possibilidade de buscar ‘relacionamentos de bolso’ que se caracterizam pela inconstância: somente quando a necessidade/desejo clama. O autor ainda realiza a comparação das relações com a manutenção dos automóveis, onde decorrem constantes ‘revisões’ para verificar se tudo ainda funciona conforme o desejado. De um modo geral, é o que se aprende no todo cultural: compromissos a longo prazo podem trazer imensas precauções e devem ser evitados.

Nesta perspectiva, observa-se que o ser humano está perdendo a coragem em mergulhar em relacionamentos profundos, com medo de explorar os seus próprios sentimentos, afim de livrar-se de possíveis frustrações, possíveis sofrimentos. Porém, estes acabam por se esquecer que o sujeito é movido de intensidade, movido pelo amor e não pela precariedade.

No entanto, nossa sociedade prega padronizações diluentes, que não permitem desenvolver o duradouro e sólido. Bauman (2004, p.18), já enfatizava com insistência: “Sem humildade e coragem não há amor. Essas duas qualidades são exigidas, em escalas enormes e contínuas, quando se ingressa numa terra inexplorada e não-mapeada”. Contudo, percebe-se que o ser humano não tem mais disposição e coragem para explorar as ‘terras alheias’, uma vez que, torna-se mais prático e fácil suprir as necessidades afetivas com amores fugazes e ocasionais, sem criar laços e comprometer a liberdade.

Em consonância a esse quadro, vem de encontro as redes sociais e aplicativos de relacionamento dispostos a praticidade digital que oferta a internet. A conectividade, hoje, nos remete a facilidade de contatar com o próximo sempre que necessário. Para tanto, muitas pessoas aderem a determinada ferramenta justamente pela flexibilidade de ação que a mesma proporciona. É possível eu me conectar ou desconectar com qualquer pessoa no mundo, no momento que eu julgar oportuno/propício. Essa “praticidade relacional” vai de encontro com a modernidade líquida, bem como a fragilidade das relações que se encontra a atualidade.

Nesse sentido, Bauman (2004, p.12) complementa:

A palavra ‘rede’ sugere momentos nos quais ‘se está em contato’ intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento “indesejável, mas impossível de romper” é o que torna ‘relacionar-se’ a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar. Mas uma ‘conexão indesejável’ é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las.

Neste viés, tem-se uma geração de jovens e adultos propensos a manter relações ocasionais, sem compromissos e laços fraternais. Essa busca pela satisfação imediata acaba gerando inúmeros sentimentos que também alimentam de forma indireta à modernidade líquida. Refere-se ao ciclo interminável de padrões sociais e mescla de anseios que acabam acentuando a instabilidade emocional do sujeito. Desse modo,

Se a satisfação instantânea é a única maneira de sufocar o sentimento de insegurança (sem jamais saciar a sede de segurança e certeza), não há razão evidente para ser tolerante em relação a alguma coisa ou pessoa que não tenha óbvia relevância para a

busca da satisfação, e menos ainda em relação a alguma coisa ou pessoa complicada ou relutante em trazer satisfação que se busca (BAUMAN, 2001, p.189).

Sendo assim, é indiscutível que permeiam valores intrínsecos sob a política de vida pós-moderna, que refletem até mesmo na personalidade e modo de ‘conviver’ entre os sujeitos. “Precariedade, instabilidade, vulnerabilidade, é a característica mais difundida das condições de vida contemporâneas (e também a que se sente mais dolorosamente)” (BAUMAN, 2001, p. 201).

Em consonância, é compreensível que o cidadão moderno vive uma intensa insegurança, considerando que os laços, compromissos e vínculos não possuem perfil de grande prolongamento. Assim, a satisfação instantânea aparenta ser a melhor opção, uma estratégia infalível, tendo em vista a incerteza do amanhã. Essa caracterização também reflete em diversos setores sociais, tal como as vinculações empregatícias. Ninguém está seguro ou alicerçado a determinado emprego. Tudo pode mudar e adquirir novas formas do dia para a noite.

Sobre essa constatação, Bauman (2001) assegura que em meio a instabilidade freneticamente atual, ninguém pode sentir-se efetivamente seguro em qualquer área social. A estabilidade já virou ‘coisa de antiguidade’, fora dos padrões. Independentemente do grau de formação, de habilidade e competências adquiridas, sempre estamos sujeitos a cruzar a porta da saída.

Nesta perspectiva, entende-se que por melhores profissionais que sejamos, melhores formações, diplomas e cursos que possuímos, perduramos sempre na corda bamba do despejo. Vivemos na insegurança do passageiro, da autoafirmação e transgressão: profissional, pessoal e social. Refere-se uma era de inconstâncias. É como a moda do vestuário: em um momento estamos na vitrine, noutro podemos ser esquecidos na prateleira.

Portanto, a vida condiciona-se em uma constante oscilação de altos e baixos, do vem e volta, das horas para os minutos. Desse modo, é imprescindível adequar-se e ‘manter o formato atual’, caso contrário, estaremos sujeitos a exclusão e repressão de todo o invólucro social. A constante modificação do quadro social bate a nossa porta, consegue adentrar na mesma quem tiver flexibilidade para tal.

Portanto, é possível deduzir que o sujeito está ‘algemado’ com o invólucro social que a modernidade líquida reproduz, transcrevendo sua história a partir da fragilidade das relações e inconsciência das ações. O que podemos fazer para combater essa angústia existencial? Como reeducar a perspectiva relacional? Vive-se na esperança de que a

ambivalência educacional possa exercer importante papel na saúde intelectual/sentimental do sujeito líquido, afim de reverter e contornar esse panorama.

Conclusão

É perceptível que a instância social já atravessou outros estados, tal como o “sólido” e hoje se apresenta na condição líquida. Sob determinadas fases, muitos aspectos humanos sofreram/sofrem alterações de acordo com a permuta social vigente. Na atualidade, o condicionamento humano vive a liquidez em sua integralidade, tendo em vista a fragilidade das relações, dos vínculos, das palavras, dos momentos e dos sentimentos.

Ademais, enquanto instituição que considera a contextualização social, a escola sofre de forma igualitária os efeitos da modernidade em suas entranhas. Estruturação, metodologia, didáticas, formação humana. O desafio pedagógico cresce na medida em que a sociedade se transforma. Assim, torna-se imprescindível que o corpo docente desenvolva um olhar maduro, flexível e resiliente perante a transmutação refletida no âmbito escolar.

Em suma, conceituar liquidez a partir de Bauman, é um desafio, uma vez que muitas pessoas ainda desconheciam determinado termo. Modernidade é uma consequência natural do ciclo vital. É modificar, transformar, modernizar o todo social: princípios, valores, relações, estruturas. Para compreender é preciso dialogar. Em outras palavras, não se pode fugir das consequências que derivam da vida social, é necessário encarar, interpretar e flexibilizar a conduta humana.

Dessa forma, refletir sobre nossa condição na atualidade, deve ser encarado como meta fundamental, a fim de analisar os avanços, retrocessos, e aspectos que nos caracterizam enquanto comunidade social. Negligenciar esse ato reflexivo, faz do sujeito um ser passivo perante a realidade, acomodado diante do seu contexto e alienado para com as circunstâncias impostas por uma sociedade consumista.

Neste viés, é sabido que os reflexos do pós-modernismo atingem diretamente o aspecto educacional, uma vez que o indivíduo líquido carrega uma essência distinta, que deve ser integrada a proposta pedagógica existente. Assim, a escolaridade enfrenta inúmeros desafios contemporâneos, tendo em vista a competição atrativa com diversos aparatos tecnológicos e digitais que roubam a atenção e concentração de nossos alunos.

Assim, estudar tornou-se um dilema do século XXI, considerando as inúmeras ‘seduções’ alienantes que norteiam o cotidiano do educando. Desta forma, surge a

importância da formação crítica e consciente do corpo docente em conjunto com a família, trabalhando em prol do amplo desafio em educador cidadãos para a sociedade líquida.

Em suma, as antigas formas de pensar a educação já não são mais convenientes com o modelo social que se apresenta na atualidade. Não adianta insistir em algo que já não é mais condizente com a realidade. É como tentar servir um sapato que já não cabe mais, machuca, fere, deixa marcas e cicatrizes doloridas. As transições fazem parte da vida humana e devem ser respeitadas. Nossas instituições reconhecem essa importância, e estão no caminho da contínua adaptação contemporânea.

O educador contemporâneo também sofre as dimensões da modernidade, considerando sua qualidade vital profissional e pessoal que reflete diretamente na sua ação educativa. A resiliência e amor pela educação são peças-chave para fundamentar e resistir a missão emancipatória. A ansiedade, stress, depressão, baixa-autoestima e irritabilidade são sentimentos atuais e cada vez mais presentes na realidade de ambos: professor e aluno. Para tanto, é imprescindível buscar pela qualificação profissional, mas não esquecer da saúde psíquica e emocional.

Em consonância, a família deve zelar pela presença, participação e intervenção no processo educacional dos filhos. Perante o cenário moderno líquido, é perceptível que a essência familiar se perde em meio ao excesso de trabalho dos pais, a falta de tempo dedicado aos filhos, a carência do abraço, do diálogo, das interações, da presença. Precisa-se abrir os olhos para o que realmente é fundamental para a harmonia das relações humanas, e priorizar o imaterial sobre o material.

A modernidade líquida bate a nossa porta, tudo promete mudar de posição, de amplitude e dimensão em um piscar de olhos. O poder de flexibilidade deve ser constantemente exercitado e aplicado, afim de garantir qualidade de vida profissional e pessoal. Se você não acompanhar o ritmo, fica para trás. O segredo é não deixar a liquidez dominar sua vida, mas ter domínio sobre o que é líquido e saber equilibrar o viver.

São tempos em que se prioriza a superfície da caminhada vital, na qual o supérfluo ganha vez e o ter é muito mais importante que o ser. Tempos em que o consumismo é o refúgio perfeito para não encarar os conflitos internos. Em que as relações duradoras perderam a vez, e o sentimentalismo é motivo de vergonha.

Portanto, cabe ao público docente olhar, encarar e sensibilizar-se diante da realidade, compreendendo que sua missão vai muito além de mediar conteúdos em sala de aula, mas ensinar para árdua jornada da vida, que adquire padrões cada vez mais mecânicos e

superficiais. Contudo, educar na atualidade não refere-se a adequar o aluno ao modelo do mercado vigente, mas sensibilizar seu olhar e estimular para uma possível transformação social, pois está nas mãos dos mestres professores a sociedade que constituirá o futuro.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALFANO, Bruno. A educação deve ser pensada durante a vida inteira, 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/a-educacao-deve-ser-pensada-durante-vida-inteira-diz-zygmunt-bauman-17275423#ixzz4cq6WisUp>> Acesso em: 1 abr 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Sobre Educação e Juventude**: Conversas com Riccardo Mazzeo. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Zahar, 2009.

_____. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **Vida em fragmentos**: sobre ética pós-moderna. Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BENJAMIM, Fernanda Antônia Sobral. **Educação e mudança social**. São Paulo: Cortez Editora, 1981.

BRACHT, Valter; GOMES, Ivan Marcelo; ALMEIDA, Felipe Quintão. Zygmunt Bauman e a Escola. 2016. Disponível em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/artigo/zygmunt-bauman-e-a-escola/>> Acesso em: 03 abr. 2017.

BRITO, Ana Fátima; VIEIRA, Claudia Simone. Resenha do Livro: Modernidade Líquida. 2016. Disponível em: < http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9917&revista_caderno=23> Acesso em: 30 mar. 2017.

CAFAZ, Mário Walraven. As diferenças entre modernidade líquida e modernidade sólida. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YEMMZJKZI4o>> Acesso em: 30 mar. 2017.

CHARDELLI, Luciana. Vivemos um tempo de secreta angústia: o amor é mais falado que vivido, 2016. Disponível em: <<http://www.revistapazes.com/amor/>> Acesso em: 31 mar. 2017.

FRAGOSO, Tiago de Oliveira. Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman. 2011. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/percsoc/article/viewFile/2344/2197>> Acesso em: 03 abr. 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GREGORIO, Fernando San. Nova Síntese: Razão Instrumental. 2012. Disponível em:

<<http://novasintese.blogspot.com.br/2012/08/a-razao-instrumental.html>> Acesso em: 13 maio 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós – modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Andrade de. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MICHAELIS. **Dicionário prático da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

MORAES, Jussara Malafaia. Pós-Modernidade: Uma luz que para uns brilha e para outros ofusca no fim do túnel”. 2004. Disponível

em:<<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/otimismopos-moderno2.html>> Acesso em: 13 abr. 2017.

NÓVOA, Antônio. **Profissão Professor**. Tradução de Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luísa Santo Gil. Portugal: Porto Editora, 1999.

PORCHEDDU, Alba. Zygmunt Bauman: **Entrevista sobre a Educação: Desafios**

Pedagógicos e Modernidade Líquida. Tradução de: Neide Luzia de Rezende e Marcello

Bulgarelli. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n137/v39n137a16.pdf>> Acesso em: 20 abr. 2017.

PROVOCAÇÕES FILOSÓFICAS. **Somos inundados de informações e famintos de**

sabedoria, 2016. Disponível em: <<http://www.revistapazes.com/mais-sabio-bauman/>>

Acesso em: 31 mar. 2017.

RODRIGUES, Lucas de Oliveira. **Modernidade Líquida**. 2017. Disponível

em:<<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/modernidade-liquida.htm>> Acesso em: 01 abr. 2017.

SIQUEIRA, Vinicius. **Modernidade Líquida, o que é ?**. 2013. Disponível em:

<<http://colunastortas.com.br/2013/07/22/modernidade-liquida-o-que-e/>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "**Renascimento**"; **Brasil Escola**. Disponível em
<<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/renascimento.htm>>. Acesso em: 13 maio 2017.

WULF, Christoph. **Antropologia da Educação**. São Paulo: Alínea, 2005.